

RESENHA: Saramago, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 168 p.

Juarez Donizete Ambires¹

Em 2006, José Saramago oferece a nós – seus leitores brasileiros – novo livro. Trata-se do seu *As pequenas memórias*, relato cativante e de leitura necessária aos apreciadores do autor.

O livro, contudo e como o próprio título já o indica, não é ficção. Nele, Saramago conta-nos parte de suas memórias e o episódio que dela nos chega são os primeiros quinze anos do escritor.

Em cena, temos assim não Saramago, mas o menino Zezinho e seu universo de referências revisitado pelo adulto. Temos, também e nas entrelinhas, a evocação do verso romântico, cujo teor afirma que “o menino é o pai do homem”².

De essências ligadas às práticas do século XIX o escritor veicula, ainda, o gosto por iniciar as memórias pela infância. No retorno, entretanto, a intenção última é redescobrir-se, alimentar-se. No passado, está a força para o presente. Estaria também o desejo do homem maduro de “deixar-se levar pela criança que ele foi”³.

Deste modo, voltar à terra de origem é “acabar de nascer” (p. 11). Azinhaga traz consigo este condão. Ver o Almonda – seu rio – ativa a memória (p. 09). A metáfora da correlação é a do rio interior e a do “rio da minha aldeia”, em intertexto com Caieiro e seu famoso poema (p. 09).

Ligadas a estes elementos estão as pescarias no mesmo Almonda. Mais que todas está aquela, na qual José quase capturou o maior peixe do rio⁴. Estariam ainda as

¹ Professor de Língua e Literatura Portuguesas no Centro Universitário Fundação Santo André. Pós-doutorando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo

² O verso em questão (*The childe is the father of de Man*) é o sétimo do poema “My heart leaps up when I behold”, de 1802, escrito por Wordsworth.

³ Os teores desta afirmação pertencem à epígrafe do livro: “Deixa-te levar pela criança que foste.”

⁴ O episódio gera outro livro Seu título é *O silêncio da água*. Foi também publicado pela Companhia das Letras. A editora o faz em 2011. Ele consta em seu catálogo de infante-juvenis. Ilustra-o Manuel Estrada.

frustrações do menino pela perda (p. 76), mas também o gosto do adulto em reencontrar-se em águas que, a nosso ver, passam a falar.

Azinhaga refere-se o tempo todo aos avós maternos de José. Deles o autor destaca-lhes o jeito de ser na faina cotidiana. Conta-nos ainda do amor de ambos à vida, aos familiares, aos bichos, às árvores, ao rio.

Pressentindo a morte, o avô abraça-se às suas oliveiras e delas se despede. Aos noventa anos, sentada à porta de seu casebre e olhando os astros do céu, a avó tece um hino de louvor à vida e a seus encantos (p. 130).

Nestas memórias, a casa destes avós é o princípio de tudo. O autor a chama de “o lar supremo, o mais íntimo e profundo”, “o mágico casulo”, o espaço no qual conheceu “as metamorfoses decisivas” (p. 15).

Em oposição a estes princípios tão positivos está a família paterna. Nela, paira a secura. Os avós de cá não cativam pelo afeto (p. 56). Em verdade, não conhecem os significados do termo. Deles, entretanto, fica o sobrenome.

Em averiguação mais apurada, o *Saramago* viria de um bisavô berbere (p. 61). Certa fantasia, no entanto, circunda o personagem familiar. Ele é, em versão masculina, a moura encantada da tradição ibérica. Só difere no fato de que sua beleza sedutora não é mais roubada. É ela quem rouba e deixa descendentes.

As memórias de Saramago migram também. Elas vão para o ambiente citadino. Deste modo, o menino, os pais e o irmão chegam a Lisboa. Na capital, habitam e trafegam por recantos humildes. A condição econômica da família assim o exige. José não nasceu em berço de ouro.

A comida, a roupa, os objetos de uso cotidiano são de difícil acesso (p. 51). Pensamos que a distância entre este universo e a órbita de certos poemas de Junqueiro não seja muito expressiva. No verão, para exemplo, penhoram-se os cobertores de inverno. Vive-se com pouco, muito se economiza (p. 81).

O espaço exíguo não permite grandes privacidades. Marca-o a precariedade das condições sanitárias. Tem-se ainda que o dividir com as baratas (p. 57). Suas noites são ruidosas. No lar, às vezes o pai é bruto com a mãe (p. 73).

Deve-se sempre afirmar, porém, algo óbvio: o menino não é vencido pelo negativo. De algum modo em sua interioridade ele o recria. Ajudam-no neste aspecto a escola, o cinema, as amizades que se vai fazendo.

Ajudam-no principalmente os livros. A leitura está na vida do menino. Ele aprende a ler cedo e depressa (p. 89). São folhetinescos, entretanto, os primeiros enredos que o cativam. Em engano cairá, porém, aquele que duvidar do legado positivo que deixaram.

Mais equivocada ainda será aquela que preferir a leitura de *As pequenas memórias*. Elas muito ensinam. Vale a pena acompanhar o texto e sua delicada construção. A imagem oferecida é a do fio solto puxado de um novelo emaranhado (p. 14).

Já a essência que se tem é Saramago em fatos que o contam e o justificam. Paralelamente, conta-se e justifica-se Portugal, pátria com a qual se tem dissidências, mas também e sempre as fortes ligações do nascimento, da formação e da língua.